



## Um orçamento contra o populismo



**AGOSTINHO PEREIRA  
DE MIRANDA**  
Advogado

Muitos consideram-no “eleitoralista” – seja lá o que isso for – e Marcelo, num assomo de cautela, vê nele “reflexos eleitorais”. Eu vejo um orçamento elaborado com os contributos de quatro partidos políticos suficientemente responsáveis para continuarem

preocupados com a defesa dos objetivos mais importantes para a maioria do país: redução do défice, aumento do emprego e crescimento do PIB. Num exercício de equilíbrio que tem tanto de mérito técnico como de talento político, o orçamento parece ter, por pequena que seja, qualquer coisa para cada português. Não é pequeno feito, estando como estamos a pouco mais de um ano de eleições.

O cumprimento das metas orçamentais depende tanto do desempenho da economia nacional quanto da conjuntura internacional. Uma crise severa na Itália, o aumento contínuo das taxas de juro ou uma subida drástica do preço do petróleo podem

virar do avesso boa parte das previsões em que assenta o orçamento prestes a ser discutido na Assembleia da República. Por outro lado, não é difícil assacar à proposta do governo os velhos pecados associados a um Estado gastador que continua endividar-se, a despeito da agressiva política de redistribuição fiscal. Mas nisso este orçamento não é diferente dos anteriores. E o resultado, a julgar pela opinião pública que é possível conhecer, não parece mau de todo. Este Estado magnânimo e pouco exigente pode ter pouco futuro, mas tem um presente de razoável estabilidade política e social. Portugal está longe de ser um exemplo para a Europa. O cresci-

mento anémico de 2,2% em 2019, previsto pelo governo mas já posto em dúvida pelo FMI, é prova disso. Mas o grande perigo para as democracias liberais é hoje a voragem populista que continua a ameaçar a estabilidade e a paz mundiais. E que exige de todos, à esquerda como à direita, um novo pensamento político. O equilíbrio eficaz de Costa e o populismo dos afetos de Marcelo são ensaios, até agora bem sucedidos, de secar os radicalismos e ao mesmo tempo encontrar soluções que melhorem a vida da maioria das pessoas. Chamemo-lhe paz social. É um bem sem preço e que pouco importa seja o resultado, ao menos em parte, de orçamentos “eleitoralistas”. ●